

CAI CADA

PMS	FMLF	BERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Comércio de B	
Data	02/10/100	
Caderno	Página	03
Seção		
Assunto		
Bavino		



Paulo Macedo

Comerciantes reclamam do abandono e da sujeira na região da Calçada

QUALIDADE

Comerciantes têm esperança nos projetos de revitalização

Agnês Mariano

Sujeira, violência e abandono. Quem trabalha na Calçada se queixa de tudo, mas ainda sonha com dias melhores para a área, que já foi o segundo maior arrecadador de ICMS da Bahia. As esperanças dos comerciantes estão depositadas agora nos projetos de revitalização que o governo do estado programa para o bairro, comenta o presidente da Associação dos Empresários da Calçada, Manoel Maia.

Segundo Maia, o empreendimento mais ousado será o Complexo Educacional da Jequitiaia, uma parceria entre o governo do estado e a Petrobras. O objetivo é fazer do antigo prédio da Petrobras, na Calçada, um centro de treinamento em turismo, química/petroquímica, construção civil, indústria automotiva, indústria náutica, meio ambiente e gestão de transportes, para atender inicialmente a 19 mil pessoas.

Hoje em dia, garantem os comerciantes, o quadro não é dos melhores: ladrões, mendigos, garotos cheirando cola e até a presença

constante de um maluco que agride os passantes e afasta os fregueses. Outra questão polêmica é a presença dos feirantes no largo, pela sujeira que a feirinha gera. Limpeza até existe, inclusive com carros-pipas, mas os comerciantes dizem que a sujeira ainda consegue ser maior. Jaime Bouzas, proprietário de um hotel no largo, acredita que educar os ambulantes que trabalham na área seria uma das soluções: "Eles precisam entender que jogando tudo no meio da rua, também estão sendo prejudicados".

Dona Teresinha Conceição garante que ninguém consegue tirá-la da linha do trem, onde vende frutas e verduras há 30 anos. "Aqui tem mais movimento, por causa do ponto de ônibus, e mais segurança", comenta. Mas, segundo ela, mesmo com o movimento, às vezes os marginais tomam conta do lugar e os ambulantes são os mais atingidos. Outros comerciantes confirmam a informação e acrescentam que, à noite, a prostituição funciona livremente.

Movimento - O que manteve os comerciantes no lo-

cal foi o movimento, que persiste pelo fato do largo da Calçada ainda ser um importante ponto de passagem para muitas partes da cidade. Tanto que ainda é possível encontrar vários hotéis, lojas de eletrodomésticos e atacado de alimentos, mesmo que muitos estabelecimentos já tenham fechado. Os ônibus e carros superaram bastante a movimentação gerada pelo trem, garantem os comerciantes. "O trem, como meio de transporte, não tem mais expressão nenhuma. É assaltado e até apedrejado durante a viagem", comenta Jaime Bouzas.

Nascido e criado na Calçada, Bouzas é um dos que não perde as esperanças em dias melhores. Entre os projetos que estão sendo cogitados, destaca a possibilidade de ligação do trem com um novo metrô de superfície. Para ele, que conheceu os tempos áureos da estação, nos anos 50 e 60, o transporte ainda é um atrativo central da Calçada. Outra iniciativa que gostaria de ver realizada é o estabelecimento de parcerias para reformas dos imóveis, deteriorados por tantos anos difíceis.